



UNICAMP

EVENTO: Senegalesa cria para Balé da Cidade

VEÍCULO: O ESTADO DE SÃO PAULO

DATA: 17 nov 95

PÁGINA: D-1

SEÇÃO: CADERNO 2



P24.27

# Senegalesa cria para Balé da Cidade

A coreógrafa Germaine Acogny se junta à companhia paulista e mostra 'Z' no Ibirapuera

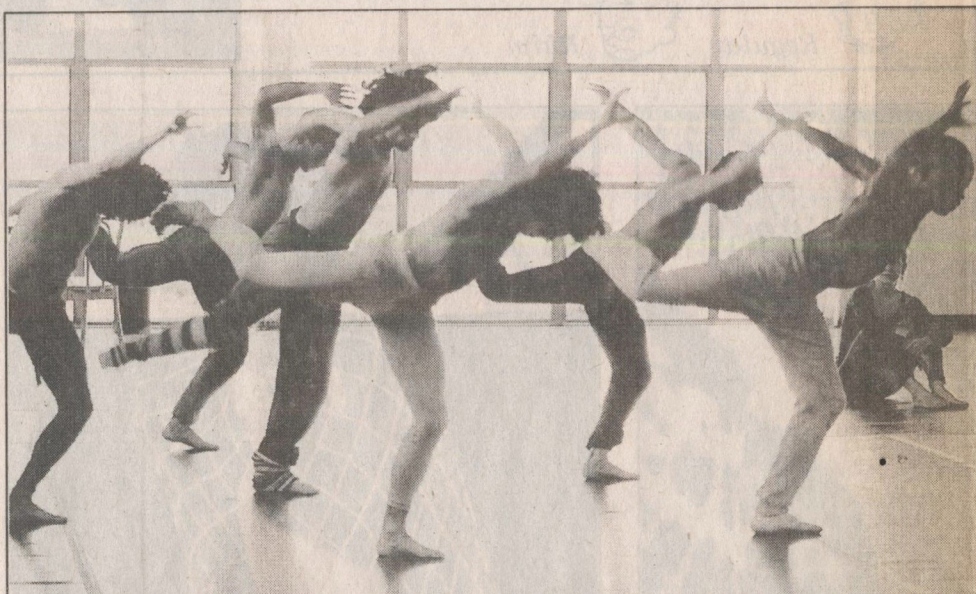
VANESSA BARONE

O espetáculo Z, do Balé da Cidade de São Paulo, que estréia domingo, às 11 horas, na Praça da Paz do Parque do Ibirapuera, em São Paulo, não é apenas mais uma homenagem ao líder negro Zumbi dos Palmares, morto há 300 anos.

Z marca o feliz encontro entre a companhia e a coreógrafa senegalesa Germaine Acogny, trazida de Paris pela diretora do Balé da Cidade de São Paulo, Ivonice Satie. "Germaine proporciona a fusão artística entre o Brasil e a sua origem, a cultura africana", diz Ivonice, que conheceu a coreógrafa na Bienal de Lyon do ano passado.

O espetáculo, que levou pouco mais de um mês para ser montado, tem trilha sonora de Gilberto Gil e Carlinhos Brown (leia entrevista ao lado) e direção musical de Rodolfo Stroeter. Depois da apresentação no Ibirapuera, Z segue para Minas Gerais para participar do Festival de Arte Negra de Belo Horizonte.

Em dezembro, retorna a São Paulo, onde se apresenta de 5 a 11 no Teatro Municipal (☎222-8698) e de 13 a 17 no Centro Cultural São Paulo (☎277-3611). As apresentações de domingo e dos



Cena de 'Z': fusão artística entre o Brasil e a sua origem, a cultura africana

dias 5 e 6 de dezembro terão a participação da coreógrafa.

Segundo Ivonice, a ocasião é ideal para rever os primórdios da dança brasileira. "Nosso samba no pé, nosso ritmo e jogo de cintura não vieram do fado", brinca a diretora do Balé da Cidade de São Paulo. "Se o bailarino conhece a essência da sua movimentação, ele sabe melhor quem ele é."

Pela primeira vez, Gilberto Gil fez a trilha sonora para um espetáculo de dança. "Ele pôde compor com liberdade uma música que falasse de sua terra mãe", afirma Ivonice. "Gil representa o nosso negro."

A coreografia da senegalesa Germaine Acogny se baseou na li-

berdade que existe dentro de todo o ser humano. "Fiquei muito feliz com o resultado", diz ela, que escolheu três bailarinos, um branco, um negro e um mestiço para representar Zumbi. "Com isso, quero mostrar que todas as raças são iguais, que todas têm a liberdade queimando dentro delas."

Há 25 anos, Germaine deixava seu país para estudar balé na Europa e mostrar para o mundo um pouco das tradições da dança africana. Para Z, a senegalesa fez um trabalho centrado principalmente no tronco dos bailarinos, servindo-se da flexibilidade da coluna vertebral.

"A coluna é a parte do corpo que concentra toda as emoções, como a tristeza, o amor e o ódio, além de ser a base da dança contemporânea africana", explica a senegalesa, que criou passos que exploram os movimentos ondulares e de

contração do tronco dos bailarinos.

Segundo Germaine, a história de Zumbi se confunde com a história dos negros de todo o mundo, que tiveram de lutar contra a escravidão. "Não conheço Zumbi, mas conheço vários iguais a ele", revela. "Além disso, a dança é uma coisa extraordinária, que proporciona a alegria da liberdade."

Depois de se mudar para a Europa, a coreógrafa voltou à África para percorrer várias aldeias em busca das raízes da dança do continente. Atualmente, Germaine dirige um centro de pesquisa de dança em Toulouse. "Gosto de partilhar minhas experiências com todas as raças", afirma ela. Junto com o coreógrafo Maurice Béjart, Germaine fundou a escola de dança Mudra Afrique, que funcionou de 1977 a 1985 em Dacar, no Senegal.



"Brasil vai mandar na música do mundo", diz Carlinhos Brown.

## Carlinhos Brown é unanimidade na MPB

O compositor é o atual preferido dos grandes intérpretes do Brasil e vai gravar seu disco solo

SALVADOR — A figura de Carlinhos Brown não aceita rótulos. Nem o axé, o funk, o samba ou o pop conseguem definir seu estilo, que talvez seja tudo isso misturado. A marca do percussionista e compositor está nas manifestações mais criativas da MPB, do samba ao heavy metal.

Ele prepara seu primeiro disco solo, que sairá pela EMI-Odeon no início do ano. Recém-chegado de Paris, onde gravou com o produtor africano Wally Badarou, Brown fez um show em Salvador, no último fim de semana ao lado de Marisa Monte e da Timbalada.

O disco *Roots*, do Sepultura, que será lançado em fevereiro, terá Brown na faixa *Ratmahala*. O álbum *Funk'n'Lata*, de Ivo Meirelles, tem a parceria entre o baiano e Roberto Frejat, na faixa *Do Leme ao Pontal*. Para o disco de estréia da cantora Daúde, Brown compôs *Vêu Vavá* (junto com Celso Fonseca). Isso sem falar no novo álbum da Timbalada, *Andei Road*, que sai pela PolyGram este mês e tem a direção musical do compositor (junto com Wesley Rangel).

Em 1993, o disco *Brasileiro*, de Sérgio Mendes, com cinco faixas compostas por Brown, ganhou o Grammy de world music. "Nos próximos 20 anos, é o Brasil que vai mandar na música do mundo", diz. Ele já conquistou Caetano, que gravou e fez estourar *Meia Lua Inteira*, Marisa Monte, que canta várias de suas músicas (*Segue o Seco*, *Maria de Verdade* e *Seu Zé*) e Paralamas, que retornou às paradas com *Uma Brasileira*. Tem fãs confesos como Gilberto Gil — com quem divide a autoria da trilha sonora do espetáculo Z, em homenagem a Zumbi — e Paul Simon. "Eu falo como brasileiro e as pessoas entendem", explica.

★  
Caderno 2 — Como foi a gravação com o Sepultura?

Carlinhos Brown — Com o Sepultura, eu vi o rock do Brasil na sua forma mais indígena, mais original: A guitarra do Sepultura, para mim, soa de outra forma. Não como um barulho, mas como acordes de música clássica. O grupo tem uma visão ampla da música e está aberto para outras coisas.

Caderno 2 — E a participação no disco de Ivo Meirelles?

Brown — Gostei muito. No passado, o funk americano foi imposto e hoje estamos dando a resposta, fazendo o que nem os EUA conseguiram, que é dar ao funk o caráter de rua. Ivo foi mais além: pegou a percussão do Rio e botou nesses beats. A batida me impressiona.

Caderno 2 — Como você administra trabalhos tão diferentes?

Brown — Isso seria impossível sem a competência da mídia e dos empresários baianos. A produção da Bahia é poderosa, pega o artista e sabe como dirigi-lo. Mas não me iludo. Por enquanto, estou em cima da tampa da privada. Quando alguém der a descarga, já era Carlinhos Brown. O País é assim, se renova a todo o momento. A única coisa em

que acredito é que vou melhorar meu inglês e o meu francês e vou buscar comunicação em outros mundos, vou levar para lá o Brasil que eu tenho em mim.

Caderno 2 — O trabalho com produtores estrangeiros está modificando o seu estilo?

Brown — Os produtores competentes como Arto Lindsay e Wally Badarou indicam a forma de se portar dentro da música. Isso me ajudou a entender certas composições. Antigamente, eu não queria fazer um disco, mas agora sinto necessidade de falar, de dizer com música. Esses produtores perceberam o processo em que está a música brasileira. Nos próximos 20 anos, é o Brasil que vai mandar na música do mundo. São pessoas como o percussionista Paulinho da Costa, Naná Vasconcelos e Aírtom Moreira que farão essa música, que chega como pequenos exércitos e vai invadindo tudo.

Caderno 2 — Você fez uma parceria com o cantor senegalês Yousou N'Dour, no Heineken Concerts. A cultura pop africana ainda influencia a Bahia?

Brown — O canto na Bahia ainda é muito precário. Perdemos a referência do candomblé e Youssou N'Dour, de certa forma, a está trazendo de volta. Com relação à influência, não podemos negar que nossa base rítmica nasceu da cultura africana. Por outro lado, agora, nós é que estamos influenciando o pop africano, porque temos coisas aqui que não existem mais lá. Os africanos substituíram seus tambores por guitarras.

Caderno 2 — Entre os novos compositores do Brasil, quem se destaca?

Brown — Eu gosto das letras de Gabriel, O Pensador, porque ele escreve como um brasileiro. Ele é um exemplo da cultura miscigenada. A "loraburra" que ele canta não é a mulher loira, de olhos azuis, mas é toda pessoa-farsa. É a pessoa que é farsa de si mesma. Ivo Meireles, com o movimento mangue beat, também é muito importante.

Caderno 2 — Como fica a Timbalada sem Carlinhos Brown?

Brown — Será como os Novos Baianos e os Doces Bárbaros, que continuam existindo. Caetano faz sua carreira, Bethânia também e todos com muita competência. É o que eu espero que aconteça com Xexê, Patrícia e outros que virão.

Caderno 2 — As letras de suas músicas são muito fonéticas, mas, às vezes, incompreensíveis. Como é sua maneira de compor?

Brown — Minha forma de escrever é a coisa mais simples que existe, é o português arcaico, é o brasileiro. Tem uma letra em que eu digo: "Quando você vinha com castanha, eu já vinho com caju" e as pessoas acham estranho. Quando falo em vinha/vinho, me refiro ao ato de fazer o vinho, imagino uma pessoa tentando tirar o vinho de uma coisa seca. Quando digo: "Pode ser um coco derramando" (da letra de *Segue o Seco*), pode não fazer muito sentido, mas imagine um coco derramando em uma estrada seca. Não parece a redenção? Minha música lida com a imagem, não com literatura. Sou um colecionador do vocabulário português. (V.B.)

■ Colaborou Gabriel Bastos Junior